



Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização  
nos Países de Língua Portuguesa

ISSN: 1980-7686

suporte@mocabras.org

Universidade de São Paulo  
Brasil

Relações norte e sul: diálogo Brasil/ Canadá  
Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, vol. II, núm. 4,  
marzo-agosto, 2008, pp. 271-277  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87912341016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## ENTREVISTA

### Relações norte e sul: diálogo Brasil/ Canadá.



Nubia Hanciau é Professora titular do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em História da Literatura da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, representou o Brasil junto à AIEQ (1998-2000). Foi Presidente da ABECAN no biênio 2004-2006; co-organizou *L'Amérique Française: introduction à la culture québécoise*, com Alain Bélanger e Sylvie Dion (1998), *A América Francesa: introdução à cultura quebequense* (1999, tradução em co-organização com Maria Bernadette Velloso Porto) e *A voz da crítica canadense no feminino*, com Eliane Campello e Eloína Santos (2001). Sua tese (Prêmio Air Canada 2004) deu origem ao livro *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas*, laureado com o Prêmio Pierre Savard 2005; em 2006 o Ministério das Relações Internacionais do Canadá elegeu-o um dos 30 livros notáveis no âmbito dos estudos canadenses. Um de seus capítulos foi publicado na *International Journal of Canadian Studies/Revue internationale d'études canadiennes. 30 Years of Canadian Studies around the World/30 ans d'études canadiennes dans le monde*. Em 2006 organizou a coletânea *Brasil / Canadá: visões, paisagens e perspectivas, do Ártico ao Antártico*. Como tradutora, entre outros textos, publicou *A gaiola de ferro*, tradução de *La cage*, de Anne Hébert (2003); organizou e traduziu os dois primeiros artigos dos *Cadernos do PPG-Letras da FURG*, série Traduções.

**REVISTA ACOALFAPLP:** De um modo geral, como a senhora vê as relações acadêmicas entre os países do Norte e do Sul?

**Prof.<sup>a</sup> Nubia:** Faz mais ou menos um século que o Canadá mantém laços privilegiados com o Brasil. Foram os canadenses que projetaram as redes hidroelétricas nas grandes cidades do Sul. A Brascan, primeira companhia canadense a implantar-se no Brasil, já festejou 100 anos! Foram também os canadenses que dotaram os grandes centros urbanos de seus primeiros serviços de transporte coletivo rápido (os bondes), além de fundar a primeira empresa de telefone de São Paulo. Numerosos missionários colaboraram para aliviar a pobreza nas regiões menos favorecidas, contribuindo para a aproximação dos países. No plano diplomático, a primeira delegação canadense no Brasil data de 1941. Nessa avenida de mão dupla, eu poderia melhor delimitar a avaliação quanto aos intercâmbios acadêmicos entre o Brasil e o Quebec, que iniciaram nos anos 1980. Até então o mundo francófono das Américas (Quebec e Antilhas) era desconhecido no espaço cultural brasileiro. Sua descoberta, incorporação e reconhecimento, de elevada relevância simbólica, ocorreu nessa década no âmbito das universidades brasileiras.

**REVISTA:** E no caso das relações entre Brasil e Canadá?

**Prof.<sup>a</sup> Nubia:** Mais tarde os laços se estenderam entre o Canadá, o Brasil e outros países latino-americanos. Cabe assinalar os efeitos benéficos desta reciprocidade não apenas para os francófonos das Américas, mas também para todos aqueles que acreditam nos métodos comparatistas como forma de aumentar os conhecimentos do Canadá no Brasil e do Brasil no Canadá. Hoje os estudos canadenses no Brasil encontram-se consolidados e revelam o quanto as perspectivas culturais transversais podem refletir as grandes articulações da sociedade. Por outro lado, aponta-se para áreas de excelência

onde o Canadá, país atraente e modelar em muitos setores, prima pela tradição nos debates. Contudo, estas aproximações não poderão mostrar seu verdadeiro valor e ser verdadeiramente frutuosas a longo prazo sem uma melhor compreensão das especificidades culturais respectivas. Pois, sem intercâmbios culturais e sociais regulares, intensos e profundos, perdem-se belas oportunidades de inovações próprias à mestiçagem tão característica do Brasil e do Canadá. Há de se constatar – apesar disso – a existência de um nítido desequilíbrio entre o Brasil e o Canadá. Vários Núcleos de Estudos Canadenses (NECs) são ativos no Brasil há mais de quinze anos, contribuindo diretamente a favorecer o conhecimento e a compreensão do Canadá, tão importante para as relações a longo prazo. O inverso não é verdadeiro, e o Brasil ainda aparece como um país desconhecido. Embora a música brasileira seja tocada nas rádios e algumas atividades isoladas aconteçam, o conhecimento do Brasil no Canadá continua marcado por uma imagem que não corresponde ao Brasil moderno, o das grandes cidades, do desenvolvimento científico, um país que pretende tornar-se ator de primeiro plano tanto nas Américas quanto no mundo. No Canadá, não existia até 2001 nenhum centro de referência, de estudos ou pesquisas sobre o Brasil, o que representava uma lacuna com efeito negativo sobre o conjunto das relações culturais, econômicas e políticas. A UQAM decidiu preencher essa lacuna e incrementar as relações diversificadas de longa data com o Brasil, do ponto de vista geográfico, científico, cultural e institucional. Sob este ângulo, a UQAM foi considerada a instituição ideal para desenvolver um Centro Brasil-Canadá, cuja visão faz justiça à riqueza e à complexidade brasileiras. Criado pela resolução do Conselho de administração daquela Universidade, em março de 2001, o Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Brasil (CERB) foi inaugurado no dia 6 de setembro de 2001, véspera da Festa Nacional do Brasil, dirigido por Bernard Andrès desde sua criação até 2004, com sede no Pavilhão Judith Jasmin da UQAM, dirigido hoje por Gaëtan Trambly,

**REVISTA:** Qual a importância destas relações? (para quem, como, por quê)

**Prof.<sup>a</sup> Nubia:** Em 2006 completaram-se 80 anos de relações diplomáticas formais entre o Brasil e o Canadá e mais de 60 do estabelecimento das embaixadas brasileira no Canadá e canadense no Brasil. Notáveis transformações verificaram-se desde então no que concerne à presença canadense no Brasil e à relevância do nosso país para o Canadá. Em novembro de 2004 o Brasil foi anfitrião do Primeiro-Ministro Paul Martin, cuja visita sedimentou, de maneira definitiva, o conceito do que se denomina na vida diplomática de relações bilaterais. O Brasil tem hoje boas relações comerciais com o Canadá, com tendências a ampliar esse comércio. Somos importantes parceiros e os dois países buscam elevar esse entendimento a um novo patamar, a fim de enfrentar os desafios globais com os quais nossas nações se deparam. Para ambos, o grande desafio bilateral é o conhecimento entre os dois países multiculturais e multiétnicos. Desde a criação da ABECAN, Associação Brasileira de Estudos Canadenses, em 1991, a comunidade universitária brasileira tem se beneficiado de um diálogo privilegiado entre professores, pesquisadores e escritores canadenses que têm trazido sua experiência visando a propiciar uma complementaridade tecnológica e intelectual por meio da qual tem sido possível reavaliar e redimensionar uma série de parâmetros. A avenida amplia cada vez mais sua “mão dupla”; e a bilateralidade, característica salutar desse diálogo, concretiza-se na possibilidade oferecida aos brasileiros de constituírem equipes de pesquisa com universitários canadenses ou de integrarem publicações coletivas, configurando um sistema de trocas que tem enriquecido os parceiros do norte e do sul da América.

**REVISTA:** Neste sentido, está envolvida em algum projeto hoje? Fale-nos sobre isso.

**Prof.<sup>a</sup> Nubia:** Sim, enquanto editora da revista *Interfaces Brasil-Canadá* e membro da ABECAN, continuo envolvida com os estudos canadenses. Nessa função, recebo anualmente um número considerável de textos, caracterizados pela multidisciplinaridade. Na oitava edição (2008), recebemos mais de 40 propostas! Além disso, tenho produzido artigos para publicações no âmbito dos estudos canadenses, uma opção para o exercício da diversidade. Nenhum país melhor do que o Canadá, com seu universo cultural plural, múltiplo e heterogêneo, para favorecer o diálogo interamericano! Redes de pessoas no Brasil, na América Latina e no Canadá, particularmente no Quebec aos poucos vêm se firmando. O ambiente aberto e democrático dos meios universitários canadenses propicia cada vez mais projetos de intercâmbio. Desde 1990, quando iniciei a dissertação de mestrado sobre uma das autoras mais expressivas do Quebec, Anne Hébert, mais tarde com a tese de doutorado, em que Hébert dialoga com Nancy Huston, os artigos e as incursões nesse universo comparatista se prolongam, sem interrupção, até hoje.

**REVISTA:** Neste contexto – Brasil/Canadá – como vê a relação entre língua e cultura portuguesa e o bilingüismo canadense?

**Prof.<sup>a</sup> Nubia:** No interior de quase todos os países do mundo as línguas em contato possuem um estatuto mais ou menos definido. Cada língua – meio de expressão de uma comunidade – veicula uma cultura, referências particulares a respeito da vida, da realidade, do pensamento, dos valores e interesses sociais particulares que lhe subtraem a neutralidade com relação à língua vizinha; cada língua é o produto complexo e sistemático de uma comunidade destinada a exprimir o que ela é e o que quer ser, e não

permitiria, sem razões graves ou resistência, ser substituída ou ultrapassada por outra língua, outra cultura. Assim como para a espécie humana, a função natural de uma língua é a de manter-se, perpetuar-se. Oitenta milhões de pessoas no mundo falam francês. O Canadá, membro ativo da Organização Internacional da Francofonia, país oficialmente bilíngüe, conta quase oito milhões de francófonos. No Quebec o francês é a língua materna de mais de 80% de quebequenses, e no âmbito do Canadá é o idioma de mais de 25% de canadenses, cuja maioria vive no Quebec.

Quanto ao português, mais pessoas o falam como língua materna do que francês, alemão, italiano ou japonês. Para grande parte dos aproximadamente 230 milhões de lusofalantes, talvez seja incompreensível que o resto do mundo freqüentemente considere sua língua menor e que seus romancistas, poetas e compositores passem despercebidos. Um esforço está sendo feito aqui no maior país do mundo a falar português para corrigir essa situação. Em 1996, Brasil e Portugal uniram-se a cinco nações africanas – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe – para fundar a Comunidade de Países de Língua Portuguesa. O português recentemente foi designado língua oficial da Organização de União Africana, resultado dos esforços da comunidade. O escritor Prêmio Nobel português José Saramago, que mora na Espanha, afligiu-se publicamente com a possibilidade de o português ser superado pelo inglês e o espanhol. Os hispanofalantes algumas vezes brincam que o português é simplesmente um “espanhol mal falado”. Mas, por causa do tamanho do Brasil e de sua economia dinâmica, cidades em países vizinhos, tais como Buenos Aires e Santiago, expõem cartazes e distribuem panfletos oferecen-

do cursos de português. O que vem comprovar que as fronteiras são cada vez mais apenas símbolos, e que a língua é um instrumento vivo, em movimento, o melhor instrumento de diálogo, quer seja escrito, oral ou através do ciberespaço. Redutor, o monolingüismo não permite ver o mundo além da própria paróquia, por outro prisma que não seja o de uma única língua. A abertura à francofonia, à lusofonia, à hispanofonia americanas, que impeçam o monopólio da anglofonia, representa uma riqueza, uma lufada de oxigênio em contexto marcado pela influência de uma cultura hegemônica, a abertura a um universo cultural plural, múltiplo e heterogêneo que nos permita estabelecer diálogos com diversos países.

Entrevista feita em fevereiro de 2008.

**Como citar esta entrevista:**



HANCIAU, Nubia (*Entrevista cedida para a Revista*). **Relações norte e sul: diálogo Brasil/ Canadá.** Revista ACOALFAPLP: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 4, 2008. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: março 2008.